

## Este é o ponto, um espanto



Por **PRISCILA FIGUEIREDO\***

*Sete poemas*

## A porta

É tão bom quando há uma porta  
mesmo quando a encontramos fechada.  
Mesmo que nos digam: “Para você e gente  
como você ela estará sempre fechada”.  
Insisto, é tão bom — eu bato nela com o nó  
dos dedos, eu espero, eu bato de novo,  
e a golpeio com a mão espalmada  
se minha paciência aumenta.  
Mas a porta, é preciso dizer, tem  
por onde se lhe pegar. Quando é tolerante,  
ela permite até que nos deitemos junto dela,  
que passemos a madrugada aninhados  
em seu peito reto.

Há falsas portas,  
como falsos livros, como falsos alcapões.  
Em comum têm o fato de que não levam a nada.  
Uma porta fechada também não te levará a nada,  
mas nela você firma suas garras, suas marcas,  
até seus garranchos, e, mais importante,  
há o lado de dentro da porta,  
a paisagem surda a seus apelos, prolífica e secreta.

## Ansiedade de uma barata

Um dia pousei sobre o peito de uma bela moça.  
Não fui atraída por ela, mas eu queria descobrir  
até que altura eu voava  
ou se voava melhor que uma galinha.  
Eu era jovem, naquela época  
estava em toda minha exuberância e era mais inteligente,

# a terra é redonda

— me arriscava mais também —;  
mas quando alguém a fez notar com muito cuidado  
minha presença indesejada e insolente  
ela baixou os olhos e um milímetro a cabeça  
sobre mim, ficando paralisada; outros ali reunidos  
fizeram um grande silêncio, de pavor e também  
para se fazer de mortos até que o peteleco  
de um moço me jogasse bem longe.

Sou vista de tal forma como inimiga  
que certa vez uma dona de casa veio a me  
engolir com a gordura branca e tudo,  
disposta a me vencer e ao mesmo tempo roubar  
toda minha energia, todo o meu poder.  
Ela então perdeu a conta do tempo,  
viu as eras passarem,  
e depois relatou ter sido transformada,  
ser uma nova pessoa —  
é o tipo de experiência que só se obtém  
devorando seu maior inimigo.

Quando os homens aguardavam a grande explosão nuclear  
era comum ouvirmos: “Ao fim e ao cabo  
só restarão elas, dominando a Terra, enxameando  
nos estilhaços, cobrindo os campos incinerados,  
contemplarão a paisagem de súbito esvaziada de nós,  
seus algozes medrosos —  
jamais teriam esperado uma promoção tão rápida —,  
deixarão os esgotos, subindo de nível,  
irão aos lugares mais altos cobiçados  
e vão fazer a festa”.

De tanto ouvir isso  
passamos a vislumbrar um horizonte mais fixo  
que o de uma fresta, uma lixeira aberta,  
um esgoto a céu aberto  
— *aberto* é a esperança  
dos que vivem no subterrâneo.  
Por um bom tempo,  
depois desse grande advento iríamos  
fruir das sobras de inúmeros banquetes,  
lamber caramelos recentes,  
abandonados no chão de sombras;  
nossa ceia se estenderia mais e mais — e mesmo que  
não houvesse depois muito mais, sempre,  
em alguma parte, encontraríamos ainda  
guloseimas a nos faltar, e ninguém a nos pisar.

Mas e depois?, eu pensava. E depois de depois?  
Quando tivéssemos fruído de tudo, do bom até o ruim?  
Também sobreviveríamos? Não haveria  
mais detritos nem carne engordurada.  
Esse futuro preocupante dentro do futuro que

começaria ao findar o futuro do homem  
estava tão, tão distante ainda e já me atanzava...  
Talvez não seja bom sobreviver ao homem;  
por uma estranha ambiguidade, a civilização  
levou-nos a nos multiplicar, deu-nos um lugar  
garantido, embora odiado. Diversificou  
nosso paladar, nosso jeito de estar.  
O nojo que lhe inspiramos é honroso,  
esgoto, cárcere, mercados, tomamos conta disso  
e de tudo o mais que vai ficando como isso.  
Parece que somos as proprietárias  
não importa se vivemos todo o tempo de tocaia.  
É de somenos esse não-me-toques com a gente.  
Nosso poder parece enorme.  
Sim, que se preserve o homem.

## Ah é a desculpa esfarrapada! —

não tenho como socorrer  
tanta miséria molambenta:  
pego na manga, a manga  
se desfaz na mão;  
puxo a barra, arre, é pó, tal ocorre  
com cadáver em exumação.

Os botões não casam com as casas  
na desculpa esfarrapada;  
como a culpa comprida e contrita  
ela arrasta a cantilena.

Vira pra lá teu rosto engraçado,  
às vezes nauseante — devias  
era trabalhar no circo, fazer malabarismo,  
andar naquela corda bamba.  
Que espetáculo seria  
te ver duplamente em apuros  
por ser ti mesma e ser ali!

Beijo-te a face sem vergonha,  
feita de tudo que é material —  
mas agora sai, escafede, evade, vai  
ver se estou na esquina, palhacinha!

## Reflexões a partir do meu aniversário

Amanhã completarei 48 —  
8 é um arabesco no jardim,  
é verde e cada um de seus anéis margeia  
um balde d'água limpa.  
A temperatura estará por um ano  
sempre um pouco acima da temperatura ambiente.

Do 4 já fiz há tempo uma cadeira —  
tem bom espaço para as minhas ancas,  
nesta altura já tão destrás  
em se equilibrar sobre uma única perna.

É claro que vocês me encontrarão sentada nela amanhã  
como tem sido nos últimos anos —  
a novidade será  
eu meter um pé  
em cada balde  
e largar aí o espírito:  
“Ah agora relaxe  
mergulhe seus pezinhos oprimidos —  
depois de amanhã sabe-se lá se não  
lhe darão sapatos ainda menores”.

## Dobradiças

A janela está entreaberta  
a porta também está  
a porta da sala  
do armário  
do micro-ondas.  
Estamos confusas:  
feche de uma vez, abra de uma vez!  
pode chover, pode entrar poeira ou formiga  
quem sabe até coisa pior  
podemos enguiçar, vamos enguiçar  
não nos faz bem esta posição aqui  
ficar paradas num gesto  
que era para ser transitório e breve.  
Imagine se você ficasse com um pé no ar  
quando fosse dar um passo  
e congelasse aí, imagine.  
Decida se quer a luz  
se não quer  
se é frio ou calor  
o que quer  
se o que está dentro  
deve vir para fora,  
decida

**Esse é o ponto**, este  
mais que esse; nosso é o tremor.  
Este é o ponto, um espanto  
análogo a quando avisam: *Aqui passa  
o Trópico de Capricórnio,  
Aqui termina o Brasil,  
Aqui acaba a Polônia* etc.

Aqui, exatamente aqui,  
você não vê, mas não duvida  
do enunciado dir-se-ia sagrado,  
vindo de um deus dos limiares.  
Como um sol ele irradia,  
como um rei é que decide  
história, destino —

aqui  
você pode respirar, aqui podemos nos casar,  
aqui o fascismo não  
mete o nariz.

Eis que passamos a ser nada,  
nossa sombra ficou do outro lado.  
Acuado pelo inimigo que avança,  
alguém sempre tira a própria vida.  
Agora conheceremos o que é vida.

Pois assim como tremo se me sei bem  
em cima do meridiano ou da fronteira,  
este é o ponto em que me quedo,  
o ponto de virada,  
de inteligência, a terra à vista  
de um problema e seu contorno.  
Ah o verdadeiro, o autêntico problema —  
que frêmito raro se o encontramos.

## Os sobreviventes

Entre eles, uma novata na tragédia —  
com toda a pinta de vir de classe mais alta —  
é observada com certa superioridade,  
mas esta é para os que ainda têm energia,  
e são poucos os que a têm.  
Os pés trazem como uma auréola de folhas,  
um souvenir macabro —  
têm o ar assim de um Lázaro consciente  
de ter escalado o reino da morte.  
Os sobreviventes viram pelo avesso o bolso das calças  
e o torcem com certo gosto:  
é quando se vê a água de terra escura  
e imaginamos de onde podem ter vindo.  
Trazem um pouco do inferno consigo,  
um pouco de sua primeira catástrofe  
nessa longa aventura escalonada  
— Oi, você, que brinca com um molho de chaves na mão —  
Ainda existem as portas para a qual foram feitas?  
— Neste momento cuido pouco de portas. Estavam  
sob o boné de uma criança, o boné  
sem a criança, quero dizer.

# a terra é redonda

Eu não podia deixar estas chaves lá. Senti que seria  
como abandonar órfãos.

As mãos, enrugadas de água,  
parecem estranhamente animadas  
embora sejam mais que restritos os gestos  
de um corpo agora.

Perderam a vergonha de não saber falar  
a língua um do outro, aguardam  
um direcionamento administrativo.

“Ração a quem perdeu sua nação”,  
diz para si um deles, muito jovem,  
com amargura inteligente.

Entre o inferno e o purgatório,  
junto a um muro, ou a uma cerca, ou a uma abstração  
qualquer, mas vigilante,  
estão em fila, agachados, segurando crianças de colo —  
muitas berram sem consolo à vista, o que aumenta  
a fadiga geral.

Apenas os boatos têm o poder  
de deixar mais expressivas as fisionomias.  
Os boatos sempre correm, e correm livres,  
em geral soprados por guardas das fronteiras.

“Ela abrirá em 3 dias,”

“Ficará aberta por três horas,  
depois do que fechará para sempre”,

“Seremos enviados de volta amanhã cedo”.

“Amanhã vão trazer carregamentos de haitianos”.

Etc. etc.

De onde tiraremos água?

Onde jogamos os que não sobreviverem  
a sua sobrevivência?

Onde defecaremos?

Um princípio de que não abro mão:

os buracos —fossa, vala, poço —

não podem ser os mesmos

nem estar muito próximos.

Não é porque chegamos aonde chegamos  
que isso não será considerado,  
três buracos e nossa dignidade.

Isto aqui não é nenhum Auschwitz,

embora estejamos todos no mesmo barco,

que nunca acaba de virar

(como a balsa de Géricault, acrescenta

por conta e intimamente).

**\*Priscila Figueiredo** é professora de literatura brasileira na USP. Autora, entre outros livros, de *Mateus* (poemas) (*Bem te vi*).